



**ENTRE ÁRVORES E SABIÁS, MEMÓRIAS DE PAULO FREIRE
– CONVERSA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO**

**AMONG TREES AND THRUSHES, MEMORIES OF PAULO FREIRE
– A CONVERSATION WITH CARLOS RODRIGUES BRANDÃO**

FERNANDES, Andrea da Paixão¹
ALVARENGA, Marcia²
SPIGOLON, Nima³

Filmagem: Isabel Maia

Transcrição: Mônica Miranda Souto

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos
De me enganar
Como fiz enganos
De me encontrar
Como fiz estradas
De me perder
Fiz de tudo e nada
De te esquecer

(Sabiá, Chico Buarque de Holanda e Tom Jobim)

Nosso encontro com o Professor Carlos Rodrigues Brandão ocorreu em dia ensolarado, em meio às árvores e embalado pelo canto de sabiás a evocar lembranças e encontros com Paulo Freire. Vidas que se tocam e que se colam na práxis da Educação Popular.

Durante nossa conversa, na voz de Brandão rememoramos encontros poéticos, frutos de lutas por um Brasil mais justo e solidário. Encontros com um Brasil profundo: dos sertões, do rural e do urbano. Encontros com Paulo Freire que imaginou uma Pedagogia capaz de se contrapor às muitas lógicas da dominação.

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). e-mail: andrea@uerj.br

² Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores. Atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades. e-mail: msalvarenga@uol.com.br

³ Professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Faculdade de Educação. Atua na Graduação e na Pós-Graduação. e-mail: nima@unicamp.br



Em sua voz, Brandão traça não uma cronologia linear sobre as contribuições de Freire, um educador que se fez pela recusa à resignação da opressão e das injustiças; um educador que se fez educador pela recusa à indigência de milhões de brasileiros e brasileiras mergulhados na pobreza. Com o canto de sabiás, Brandão rememora o exílio de muitos, as amizades que se constroem pelos caminhos, o retorno de Freire ao Brasil e seu encontro com África, nas lutas anticoloniais, cujo trabalho de alfabetização mudará profundamente sua experiência com a práxis educativa na luta pela emancipação humana.

A voz de Brandão se faz acompanhada por muitas vozes, a voz de Paulo Freire e de outros tantos companheiros e companheiras. Voz que nos permite entender que precisamos realizar a passagem do plano individual para o transindividual, principal desafio de educadoras e educadores que lutam contra a desumanização nesses tempos de escárnio contra a democracia e os direitos sociais.

ENTREVISTADORAS: Professor Carlos, gostaríamos, de agradecer a sua disponibilidade para estar aqui conosco nessa conversa – não vamos chamar de entrevista, e sim de conversa – em que árvores, sabiás... a natureza presente nesses jardins que escreveram e escrevem histórias contribuirão para que lembranças e encontros seus com Paulo Freire sejam rememorados.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Isso. É conversa, aqui ao ar livre, ouvindo passarinhos.

ENTREVISTADORAS: Nessa conversa sobre Paulo Freire para a revista e-Mosaicos, participam também as professoras Marcia Alvarenga, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e Nima Spigolon, nossa companheira da UNICAMP, do GEPEJA, do grupo que nos congrega, que estão voltando da ANPEd.

É uma honra imensa, professor Carlos, podermos estar aqui hoje com você. É uma alegria. Ainda mais ao ar livre aqui.

Uma pessoa que tanto admiramos. Que gosta de ser chamado de professor, não de antropólogo, não de outro título, mas de professor.

Queríamos propor, então, nessa conversa, que você fique livre para abordar a temática da revista "Paulo Freire: vida; Paulo Freire: pensamentos; Paulo Freire: práticas da forma que você achar melhor fazer.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Então vamos lá. Eu acho que seria a melhor maneira de começar tentando colar a minha vida na do Paulo.

ENTREVISTADORAS: Perfeito. Teremos assim memórias do que (con)viveram.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Na verdade, como se fosse uma linha do tempo, colando, assim, em momentos. Primeiro, o tempo em que eu lia Paulo Freire, mas não conhecia o Paulo. Como tantas pessoas, ele era um alguém a distâncias; de



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

leituras. Depois o tempo em que eu convivi com Paulo Freire, quando ele volta do exílio. Viajamos juntos. Nossa! Vivemos muitos momentos juntos! Na Unicamp, na Nicarágua, em Goiânia, na Argentina duas vezes... pra lá e pra cá... em pequenas reuniões, em grandes conferências, nas situações mais diversas.

E depois, em um terceiro momento, que é esse momento que eu não chamaria depois de Paulo Freire, mas quando ele já partiu, né? Quando ele partiu. Me lembro até começando pelo fim, que nós estávamos lá no sul de Minas, onde Rubem Alves tinha uma chácara, e eu tenho um sítio, e naquele tempo celular precário ainda, chegou a notícia da morte do Paulo e do enterro dele em São Paulo. Quando ligaram já era o velório e não daria, evidentemente, para a gente ir. E tem uma capelinha de pedras lá e resolvemos fazer um ritual de lembranças do Paulo com as pessoas que estavam lá. Eu me lembro que eu passei na cozinha, ainda peguei um copo, botei um tantinho assim de cachaça, depois botei no altar e falei: "O Paulo, isso aqui é para você." ((risos)) Não sei se ele tomou lá onde ele está, mas foi nesse dia. Rubem Alves estava lá também... também já se foi.

Então, é... o primeiro Paulo da minha vida, é um Paulo de referência a distância como eu disse e é um Paulo muito pouco conhecido, porque eu ingressei, no que a gente chamava naquele tempo de militância, em 61, na Juventude Universitária Católica, e em 64, na verdade em dezembro de 63 e 64, no Movimento de Educação de Base; inclusive meu coordenador é Osmar Fávero, querido coordenador. E eu me lembro que 64 Paulo ainda era uma referência a distância. Você pensa bem, ainda não havia Pedagogia do Oprimido, né? A obra de Paulo, assim, mais de frente... e ele nos era conhecido como um criador de um método de alfabetização. Inclusive, uma coisa interessante e pouco conhecida: se você pegar aquele meu livrinho, é... "O que é o método Paulo Freire", naquele livrinho eu relato isso. O Paulo cria com a equipe dele, Aurenice Cardoso; Jarbas Maciel; Jomart Muniz de Brito; a primeira equipe nordestina dele, não apenas um método, hein? Todo mundo pensa no método Paulo Freire, mas o que eles criam é um sistema Paulo Freire de educação. Justamente nesse livro do Osmar Fávero, é... "Memória dos anos 60 - Educação Popular, Cultura Popular", tem uns quatro artigos da equipe do Paulo, inclusive o dele, que saiu em estudos universitários, da então Universidade do Recife. E ali, aliás, não é o Paulo quem está escrevendo é o Jomart Muniz de Brito ou o Jarbas Maciel, não me lembro bem. Ele apresenta um sistema Paulo Freire de Educação, que depois se apagou da memória. Eu tenho até um artigo meu, "Educação cultura e universidade – Paulo Freire", que eu relembro isso e transcrevo partes que começavam com alfabetização de adultos, de crianças, e que numa quarta etapa, em 1960, se propunha uma universidade popular, um instituto internacional. Muito interessante resgatar isso aí. E, então, o Paulo cria o método de alfabetização, experiência de Angicos, Dona Olegarinha lá no Recife, as primeiras experiências e depois, inclusive, a Campanha Nacional de Alfabetização que ele deveria coordenar. Quando estava tudo pronto, o golpe militar. E Paulo cria esse método, que é exatamente o método que o Osmar reproduz nesse artigo, "Ovo de Colombo: as fichas de cultura", do método Paulo



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

Freire, e o pessoal de Goiás, do MEB⁴ Goiás, “Movimento de Educação de Base”, coordenado pela Maria Alice, que o método Paulo Freire original, embora tivesse Aurenice Cardoso na equipe e dizem que a mulher Elza Freire também ajudou, ele saiu muito dedutivo, muito masculino, cabeça de homem. O pessoal de Goiás, uma equipe só de mulheres... olha os segredos da educação popular, da EJA... coordenado pela Alda Borges Cunha, que considero a maior educadora popular deste país, lá de Goiás, viveu exilada no Chile vários anos. O pessoal do MEB pega o método Paulo Freire e transforma num método Paulo Freire mais indutivo, a começar pelo nome chamado “Benedito e Jovelina”, que é um casal camponês. Eu costumo dizer que o método Paulo Freire original vem da teoria da abstração para o concreto. Ideia de cultura, cultura letrada, cultura iletrada, aquelas várias fichas de cultura, até chegar no círculo de cultura. O “Benedito e Jovelina” começa com um casal camponês. Justamente esses nomes são as duas primeiras palavras que vão ser desdobradas, Be-ne-di-to e Jo-ve-li-na como palavras geradoras. Começa com a vida desse casal e sobe para a abstração. ((risos)).

Bom, por que comecei isso com o Paulo? É interessante que eu ia conhecer o Paulo muito antes, porque eu até uma vez dei para ele – eu tinha o original... era uma folha de papel mimeografada – “Encontro do professor Paulo Freire com educadores do Centro-Oeste.” Imagine a data: 31 de março de 1964. Houve um encontro e o golpe de madrugada. E eu não fui... minha mulher foi, o pessoal do Centro-Oeste. Eu não fui... 64... eu ainda dei pra ele guardar nas coisas dele.

E interessante, é uma coisa que eu tenho insistido muito, inclusive quando se fala de Paulo Freire, eu insisto muito nisso, eu digo: Gente, a pior coisa que a gente pode fazer com Paulo Freire é supercentrar na pessoa dele e esquecer os outros. Paulo sempre foi uma pessoa de equipe, sempre trabalhou com equipe a vida inteira. Essa primeira equipe no nordeste, no exílio, equipe do IDAC... Rosiska, Miguel, Darcy de Oliveira, Marcus Arruda, meu querido companheiro, Claudius Cecom. Inclusive os trabalhos na África, todos em equipe. Depois quando ele volta para o Brasil... MOVA, Gadotti e equipe. Sempre foi uma pessoa de equipe. E normalmente se esquece... nós esquecemos isso. Gadotti lembra muito o Paulo é uma pessoa conectiva, um alguém que estava sempre ligado com o outro. Eu mesmo me lembro... Meu Deus! Reuniões tanto na Unicamp, como por exemplo, uma vez em Buenos Aires, preparando a presença do Conselho Latino Americano de Educação de Adultos, o CEAL, eu fui com ele na Conferência Internacional de Educação de Adultos. Paulo ouvindo, ouvindo... mas você tá falando mais do que ele e de repente arrazoando, concordando. Ele era muito mais um facilitador – naquele tempo a gente não usava essa expressão – do que um homem que se sobrepõem, que impõe as ideias dele. Por exemplo, é impossível você pensar Paulo Freire sem essa equipe do Nordeste. Inclusive esses artigos pioneiros, os primeiros, eles evidenciam muito isso. Cada um toma uma dimensão do que vem a ser o Sistema Paulo Freire de educação. É... depois quando Paulo vai para o exílio, Ernani Maria Fiori, o filósofo dele, um pensador de filosofia, gaúcho; Thiago de Melo, poeta; Francisco Weffort que é quem

⁴ Movimento Eclesial de Base



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

vai fazer o prefácio do “Pedagogia do Oprimido”. Sempre uma vida rodeada de equipe, de trabalho em equipe.

Quando ele, inclusive, volta do exílio, na PUC também, onde hoje há uma Cátedra Paulo Freire, na PUC de São Paulo. Me lembro dessas... mas me lembro, inclusive, de reuniões nossas... uma na Nicarágua... nós fomos dois ou três, logo depois da revolução sandinista. Foram educadores da América Latina, dos Estados Unidos e da Europa para apoiar a revolução e me lembro de Paulo humilde... falava quando era preciso. Então aquela imagem de uma figura que se sobressai, se sobrepõe, que quase põe os outros na penumbra, não é verdadeira. Basta ver os livros dele, desde “Pedagogia do Oprimido”, como é que ele cita uma porção de autores, dos mais variados: africanos, europeus, brasileiros, latino americanos embasando o pensamento dele. A genialidade dele foi exatamente isso: a capacidade de ouvir, de ler – inclusive como está no “Pedagogia do Oprimido” – de Lenine Grande até Martin Buber e até autores, inclusive conservadores, e conseguir produzir uma síntese extremamente criativa e inovadora, quase única no tempo em que ele escreve.

Então foram essas vivências que eu tive com ele. Quando ele volta do exílio – ele volta em 69, só para definir a volta dele. Inclusive algumas pessoas propõem o meu nome para ir substituí-lo, porque ele coordena um setor de educação no Conselho Mundial de Igrejas, que é uma espécie de vaticano protestante, né, lá em Genebra. Eu me lembro que eu fui na casa da Madalena Freire, lá na Vila Viana, e do Francisco Weffort,⁵ eles eram casados, e me encontrei com o Paulo para discutir essa possibilidade de ir para Genebra.

Brandão suspende a entrevista por alguns segundos e nos convida a observar a beleza que nos ronda...

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Olha que bonito... passarinho, avião... beleza ((risos)). Olha que beleza atrás da gente... (passarinhos)

ENTREVISTADORAS: Essa escolha não foi à toa, né? Eu fiquei pensando assim... Qual seria o local para conversar com o professor Carlos Brandão sobre Paulo Freire? Acho os jardins do Palácio do Catete um lugar perfeito.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Mas então... a lembrança que eu tenho do Paulo é uma lembrança que muitas vezes, sobretudo as pessoas que estão acostumadas apenas a ler os seus livros, ou então ver vídeos assim de Paulo, em momentos de conferências, de grandes encontros... é uma visão, que eu diria: tá bom, é um lado de Paulo, mas não é o lado mais profundo. Paulo era uma pessoa profundamente humana. Inclusive, uma pessoa muito ligada às pequenas coisas da vida. Me lembro que a gente se reunia, às vezes, em bares quando saía da Unicamp,

⁵ Formado em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (USP), ingressou no quadro de docentes dessa universidade em março de 1961, lecionando em cursos de graduação até o golpe militar de 1964. Cientista político e decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais foi fundador e presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

a gente chamava até de “Clube da Rúcula”, porque a gente pedia de tira gosto umas rúculas ((risos)) Ficou famoso o “Clube da Rúcula.” E Paulo tomando a cachaça dele... e a conversa querida de Paulo era um trivial da vida. A vida, a vida dele, a saudade que ele tinha do Brasil quando estava no exílio, os sonhos dele. Eu até estava contando outro dia, na Argentina – eu estava lá justamente no encontro que rolou muito em função do Paulo – e contando uma passagem. Estávamos uma vez numa rodada dessas em volta da mesa de bar e alguém do grupo – é tudo pessoa da Unicamp, escutava o Paulo, o Adriano Nogueira, o Arnaldo, eu... não me lembro mais quem – e alguém comentou que a USP tinha acabado de criar um “Instituto de Estudos Avançados”, que existe, tem lá um prédio magnífico, uma revista com grandes temas internacionais, globais... e aí surgiu a ideia – não foi do Paulo não, mas ele apoiou – de a gente criar na Unicamp o “Instituto de Estudos Atrasados” ((risos)) Não, mas a ideia era séria, ou seja, tudo que é humano, pequeno, simples, popular e que não cabe no Instituto da USP, vinha para o nosso. Pena que o da USP floresceu, com muitas verbas, muitas ideias, e o da Unicamp ficou no papel ((risos)). Aliás nem no papel... a não ser que alguém tenha anotado lá e eu não me lembro.

E é tão interessante ver esse lado de Paulo – justamente eu tô tentando rastrear um pouco, a partir da minha experiência, esse Paulo mais desconhecido, porque o Paulo ficou muito mitificado, não é? Muito um ícone, não é? Como se ele fosse uma pessoa supraterrena e nada disso, não é nada disso. Outro dia eu estava comentando, também lá na Argentina... ele escreve “Pedagogia do Oprimido” a mão, né? Inclusive o Instituto Paulo Freire agora republicou a edição fac-símile. Eles não colocaram a venda, a família decidiu que seria doado a instituições. Muito bonito! E uma coisa comovente, que mostra bem esse lado do Paulo. Ele tá exilado no Chile, começa a escrever lá, saí do Chile, inclusive antes do golpe do Pinochet, passa pela Bolívia e não se dá bem, inclusive por problemas de saúde, vai para os Estados Unidos, fica um tempo lá e vai para Genebra, onde realmente se estabelece. E ele escreve “Pedagogia do Oprimido” a mão. E ele no Chile fica amigo do que era então o ministro da agricultura, Jacques Chonchol,⁶ casado, inclusive, com uma brasileira, Maria Edy E ele, dos Estados Unidos, manda pelo correio os originais e tem uma carta que inclusive foi colocada no livro, de uma extrema humildade em que ele diz: “Olha, eu tô mandando isso aí. Eu não sei se poderia ser útil, você vê aí se vale a pena”, quer dizer, uma consciência de quem escreveu um livro... e ele devia sentir que tinha escrito realmente um livro inovador, mas nessa carta ele em momento algum diz: “Esse é um escrito que vai mudar a educação. Eis aí uma obra que vai ser traduzida em não sei quantas línguas”, depois aconteceu. Eu lembro até dele mostrando uma edição japonesa e ele dizendo: “Olha, eu sei que sou eu, porque tem meu retrato aqui na orelha” ((risos)). Simplicidade em que Paulo levava a vida. Sempre em equipes, sempre trabalhando ao redor do círculo. Acho que a melhor

⁶ Jacques Chonchol trabalhou com Paulo no ICIRA á época do presidente Eduardo Frei e foi para quem Paulo deu os manuscritos originais do livro “Pedagogia do Oprimido”, que em fevereiro de 2014, no governo de Dilma Rouseff, foi doado á Biblioteca Nacional do Brasil. Foi ministro de agricultura durante o governo do Presidente do Chile, Salvador Allende (1970 a 1973). Presidente eleito democraticamente que foi deposto pelos quartéis liderados pelo General Augusto Pinochet.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

imagem dele é a do círculo. Ele também não gostava não, quando tinha palestras, essas coisas importantes.

Eu vou contar outra história, já que é o momento de trazer esse Paulo Freire real. Nós estávamos na Argentina, eu acho que era março, abril – não vou lembrar direito – de 85. E ia ter a grande Conferência Internacional de Educação de Adultos, na Argentina saindo da ditadura, patrocinada pela UNESCO. E nós fomos. Paulo era o presidente de honra do CEAL. Eu fazia parte, estava um canadense, uma argentina e um chileno... tinha mais gente, mas não vou lembrar todo mundo. Estávamos reunidos no hotel Baumann, ali em Corrientes, para preparar o que seria a presença do CEAL. E veio uma comissão de educadores, professores da Argentina, que souberam que o Paulo estava lá e vieram para convidar o Paulo para fazer uma conferência. Só que eu achei, inclusive, um ato muito arrojado, porque antes de irem convidar o Paulo já tinham divulgado na Argentina que haveria conferência, não sei se naquele dia ou no dia seguinte, no teatro San Martin. Educadores, inclusive, vindos de longe ouvir o Paulo e quando apresentaram ao Paulo a proposta, ele estava numa reunião em volta da mesa, e o Paulo com muita simplicidade disse: "Olha, eu não vou não, eu não quero fazer conferência. Eu vim aqui só para a gente fazer esse trabalho de preparação". Você imagina o banho de água fria, né? Aí eu me lembro, não sei se foi a Isabel ou o Pancho Vio que disse: "Olha, você dá um jeito no velho aí que o povo já tá se reunindo lá para ver o Paulo." Aí eu menti para o Paulo Freire, falei: "Paulo, é um exagero dos argentinos, não é uma conferência nada é uma conversa com um grupo de professores, você está acostumado com isso". Aí ele disse: "Então eu vou." ((risos)) Chegamos lá, segundo a polícia, inclusive, tinha cordão de isolamento, estava um horror lá, tinha umas 4 mil pessoas. Fomos para o teatro, fizeram uma mesa grande, estava até o Esquivel... Pérez Esquivel, que tinha ganhado um prêmio Nobel, um pouco antes, da paz. Eu me lembro que os organizadores disseram: "Olha, a noite é do Paulo e cada um vai falar só cinco minutos. É um pequeno recado e a gente vai passar a palavra para ele." E o que aconteceu... falamos os cinco minutos e quando chegou a vez do Paulo, ele disse: "Olha, para não ser mais que os meus amigos eu também vou falar cinco minutos." ((risos)) Ele estava do meu lado e rabiscando num papel, nunca mais esqueci, umas palavras. Aí foi aquele ódio, decepção, e ele falou quase uma hora e meia... quase uma hora e meia. Inclusive o CEAL publicou um trabalhinho chamado "Paulo Freire em Buenos Aires", mimeografado, tem o retrato dele na capa... e eu sempre digo que eu tenho quase certeza que "Pedagogia da Autonomia" saiu dessa fala dele. Ele foi escrevendo umas palavras e disse que não ia fazer um decálogo do bom professor, que ele é contra leis e regras, mas que ia elencar o que ele consideraria as virtudes de um professor crítico, criativo, conscientizador, e foi falando. Eu acho que tem muito a ver.

Então isso era o Paulo, essa pessoa simples, né? Conectiva, como diria o Gadotti. O Gadotti inclusive, conta uma história... até agora eu acabei de escrever um artigo sobre o Paulo que começa com Platão, chama "Platão, Paulo e nós". É um livro que ele, Gadotti, está organizando com Carlos Torres, esse argentino que mora nos



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

Estados Unidos. E eu termino lembrando uma história que o Gadotti conta que quando eles estavam para criar o Instituto Paulo Freire foram ao Paulo perguntar a ele... Paulo vivo ainda... o que ele achava da ideia. Paulo Freire falou: "Olha, se for para me repetir não vale a pena, mas se for para me superar, podem criar." Isso eu nunca vi escrito do Paulo, Paulo não escreveria. É como eu digo para você... eu acho que ele foi sendo sepultado por essa pessoa que foi se tornando um ícone. Como se ele fosse uma espécie de pensador solitário, um Sócrates da educação, que sozinho cria, pensa, transforma a educação, quando na verdade não. Eu estou contando essas histórias para lembrar exatamente essa pessoa humana, porque seria a maior contradição, né? Um homem cuja vida toda pautada pela ideia de diálogo, de intercomunicação, de um princípio de que quem quer que seja, qualquer pessoa, é uma fonte original, única, irrepetível, de seu próprio saber. Ela não tem nada para ensinar a não ser dialogando com ela e aprendendo também. Portanto, seria muito contraditório, né? Uma pessoa como essa se apresentar como tantos intelectuais de universidade que você conhece e eu também, que acham que tem o rei na barriga, que as suas ideias são as mais originais e assim por diante.

Eu acho que a grande lição do Paulo Freire como educador, como um pensador de transformações de pessoas através de uma educação conscientizadora como ele escreveu em tantos livros, é essa lição de vida, justamente, muitas vezes, é esquecida, não é? Deixada de lado. E mesmo quando o "Instituto Paulo Freire" é criado em lá em São Paulo, na rua Cerro Corá, o Paulo tinha uma salinha que ficou como ele deixou, a estante de livros dele e a mesinha pequenina pintada de branco dele, né? E ele não se colocava, como eu inclusive vi, entre outros intelectuais tanto de esquerda quanto de direita, de centro, como uma figura proeminente, única, que todo mundo tem que ouvir curvado, com respeito, muito pelo contrário. O Paulo era um grande escutador. Antes de ser um falador, né? Um emissário de ideias. E outras coisas que também são muito esquecidas hoje em dia é a grande experiência de vida do Paulo que não foi vivida nem aqui no Brasil, nem no Chile, mas na África. Outro dia eu estava escrevendo justamente, um artigo sobre isso, não foi esse não, foi outro, um que eu levei para a Argentina e eu estava lembrando que tem uma passagem do Darcy Ribeiro, que eu acho extremamente significativa para quem viveu aquele tempo, em que ele vai dizendo que "eu sempre fui um homem de causas, a universidade democrática, a sociedade plural, a questão dos índios, a educação das crianças. E quase nunca vi realizado sonho nenhum que eu tive; os meus projetos." E ele também dizia: "Não faz mal, porque teria sido muito triste estar do lado daqueles que venceram essas batalhas". Acho que isso é um pouco a vida do Paulo. Você pensar o Paulo aqui no Brasil, ele é um criador ao longo da vida, de ideias que vão fecundar na educação, na pesquisa, na prática social, nos movimentos populares, mas, ele nunca viveu uma grande realização, nunca viveu. Ele faz a experiência de Angicos pequenina, de um pequeno grupo. Eu estive até agora a pouco com uma das alfabetizandas, já velhinha. Depois quando vai sair a grande campanha nacional de alfabetização, o golpe militar. Eu ainda me lembro da Sandra Cavalcante... A Sandra Cavalcante na televisão com um projetor de slides que veio da Polônia, dizendo: "O método do professor Paulo Freire era comunista,



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

veja como até o projetor veio da Polônia”. E o Paulo numa entrevista, ele comenta isso. Quando eles estavam articulando a grande campanha nacional, eles precisavam de um projetor para projetar as fichas de cultura, porque ia ser o método começando por aí. E a maioria dos lugares eram lugares sem luxo, sem rede elétrica, típicas escolinhas do Nordeste de um depósito de maracujá, a luz de vela. Então havia um projetor a querosene. Tinha um modelo americano que custava uma nota e tinha um polonês baratinho e o governo comprou uma porção dos poloneses que chegaram aqui no Brasil. Claro que foi abortado, devem ter jogado fora. Outro dia até no encontro, foi emocionante, lá em Caruaru, justamente, uma professora levou; ela tinha um remanescente desses projetores a querosene poloneses.

Aborta-se o programa. Paulo vai para o Chile. No Chile ele vive uma experiência com o ICIRA⁷ – não vou saber traduzir – que é uma cooperativa de agricultura, por isso que ele vai escrever o “Comunicação e Extensão”. É curioso, o Paulo de repente escrevendo para extensionista agrário... é por isso, ele está trabalhando lá. Ele vai embora do Chile, pouco antes do Pinochet e vai para o Conselho Mundial de Igrejas, que ele me falou que era um “pé no saco”. Quando a gente estava conversando sobre a minha possível ida para substituí-lo ele mesmo desanimou e disse: “Olha, o trabalho é um horror. Você de terno e gravata num escritório recebendo gente atrás de gente. A única coisa que vale a pena é o que eu fiz na África”. De fato ele vai seguidamente trazer as colônias portuguesas... Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau... inclusive se apoia muito em autores africanos como Samora Machel. Ele vai citar uns três ou quatro como pensadores que formam o pensamento dele, além do François Jacob que já vai estar em “Pedagogia do Oprimido”. E lá sim, com essa equipe do IDAC ele realiza uma experiência mais fecunda que depois foi abortada com aquelas guerras e golpes, aquelas coisas meio doidas, mas que no tempo dele – tanto que cartas de Guiné-Bissau... Tem até um livro meu, não sei se é no “Educador: vida ou morte” ou se é o “Pesquisa participante” em que eu transcrevo uma carta dele sobre pesquisa para alfabetizadores em São Tomé e Príncipe. Esse é o tempo mais fecundo da vida dele. Eu estou falando de realizador de práticas, não de pensador. De pensador tem alguma coisa que vem de muito antes, não é? Desde a “Educação como prática da liberdade” e o que acontece? Que é uma coisa para não ser esquecida: a África deixa raízes muito profundas nele. Eu me lembro que quando ele volta ao Brasil, não tem nada a ver com a Europa, aquele povo de Suíça, Europa, os encontros que ele foi, inclusive as homenagens que ele recebe; isso aí foi apagado da memória. O que ele lembra é África. Os trabalhos na África, as experiências de vidas lá e quando ele volta ao Brasil ele vai para a Unicamp, mas ele não tem na Unicamp um espaço feliz. Inclusive eu não era do mesmo Instituto dele, ele era da Faculdade de Educação e eu era do IFCH⁸, porque eu sou antropólogo – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, mas havia uma relação de amizade. Inclusive tínhamos reuniões, viajávamos juntos... e ele vai para a PUC e lá na PUC sim, na PUC de São Paulo ele

⁷ Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária.

⁸ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

vive uma experiência de magistério fecunda. Eu nem sei se ele deixou escritos sobre o trabalho dele na PUC, mas foi muito mais fecundo do que na Unicamp. Ele fica um pouco na Unicamp, depois ele se aposenta, saí, e fica mais na PUC e no Instituto. Bom e nas viagens... nas muitas viagens... inclusive no tempo do MST emergindo.

Tanto que tem um trabalho – gente valia a pena publicar isso aí, eu podia mandar para vocês, seria interessante – O PT quando está sendo criado, o PT encomenda um escrito sobre educação. Eu acho que encomenda para o Gadotti, eu não vou ter essa lembrança. Aí o Gadotti forma uma equipe: ele, o Paulo, o Demerval Saviani e eu. Então a gente escreve os primeiros textos e educação do PT... deve ser o quê? 85... 86. Eu me lembro que eu escrevi um artigo até muito radical, muito político, o Paulo, o Demerval e o Gadotti fez uma síntese. Saiu acho que no “Caderno do Trabalhador.” Eu tinha mimeografado isso. Depois saiu num livrinho do PT sobre educação... você chegou a ver isso?

ANDREA FERNANDES: Eu tenho lembrança de ter visto sim.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Eu não sei se tenho isso em casa... se eu tenho no computador... eu até levei para a Argentina um exemplar para mostrar para o pessoal lá.

ENTREVISTADORAS: E Paulo Freire na Unicamp? O Rubem Alves fez um parecer onde ele escreveu que o parecer dele era um “não parecer”, né? Sobre a incorporação de Paulo Freire aos quadros da Unicamp.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: A Unicamp é uma universidade muito vaidosa, né? Eu que sou de lá posso falar. É uma universidade de pós-graduação, basicamente. Só que ela começa com muita independência. Dizem que o Zeferino Vaz, que eu inclusive cheguei a conviver com ele de longe, porque ele ficava lá na reitoria, ele é convidado pelos militares para criar uma universidade. Não uma universidade francesa como a USP, mas com uma cabeça mais moderna americana. E consta dos anais da Unicamp que o Zeferino teria dito: “Olha, eu crio, mas tem um detalhe: eu quero carta branca de vocês. Eu quero trazer quem eu quiser, inclusive exilados que estão lá fora, que vão chegar aqui sem nenhum problema”. E fez isso. E o Rubem foi das primeiras pessoas. Inclusive tinha uma proeminência muito grande lá. Me lembro até de um tempo que tinham um setor de relações internacionais e ele coordenava. Ele era professor em Rio Claro, deixou e veio para a Unicamp. E a Unicamp como estava em formação, ela tinha um sistema de contratação em que você podia ser contratado pelo título que tinha: graduação, mestrado. Naquele tempo muita gente não tinha doutorado. Eu mesmo entrei lá com mestrado em Antropologia. Ou então você podia ingressar por notório saber, ou seja, você já ia para o nível mais alto, ME6, caso de músicos, de artistas, grandes cientistas que nunca fizeram doutorado. E quando o Paulo foi convidado, ele não se ofereceu não, ele foi convidado.

Não me lembro se pelo Zeferino diretamente ou se por alguém... acho que nesse tempo nem era mais o Zeferino. E quando o nome dele é proposto, inclusive para ficar como ME6, afinal um ícone, um homem que já é Doutor Honoris Causa em



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

algumas universidades, hoje em dia em cinquenta pelas contas lá da Nilton Franco. A contratação dele – eu não sei se é a contratação dele ou a contratação dele a nível seis – é contestada. Não vou saber o porquê... lá no Conselho Universitário. Então pedem ao Rubem um parecer. É interessante que o Rubem nem tinha muita afinidade com o Paulo não. Se conheceram... inclusive nessa entrevista que eu te falei na TV Cultura, nem sei se foi antes ou depois, nós três... e o Rubem faz um parecer, que não é que seja um “ante parecer”, mas ele faz um parecer desaforado, muito ao estilo do Rubem, dizendo que não se tratava de a Unicamp decidir se deveria contratar ou não o Paulo, mas o Paulo Freire decidir se a Unicamp era digna do ingresso dele. Claro que foi aprovado, né? Inclusive parece que isso foi anexado num livro da Anita Freire...

ENTREVISTADORAS: Sim, no livro “Paulo Freire: uma biobibliografia”, organizado pelo Moacir Gadotti, está publicado.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: É eu me lembro... eu sou desse tempo aí. Eu me lembro até do Rubem comentando, porque eu tinha muito uma relação com o Rubem. E o Rubem é uma relação de mais de quarenta anos, muito estreita. Eu morava em Campinas e ele também. Uma relação muito estreita, muito próxima. É interessante que depois, no decorrer dos acontecimentos, o Paulo Freire e o Rubem não vão ter uma relação muito intensa. O Rubem, inclusive, sai do meu Instituto. Ele não aguentava mais os filósofos de lá e vai para a Faculdade de Educação, mas ele segue um rumo muito dele. Eles são amigos, inclusive, eu estou contando dessa entrevista de nós três, mas o Paulo vai se aproximar de pessoas de uma postura, digamos assim, mais de esquerda mesmo, mas política. O Mauricio Tragtenberg... inclusive não esquecer que mil novecentos e... agora você vai ter que lembrar... dois, três... eu tenho até fotografia desse momento. O Gadotti, o Mauricio Tragtenberg, o Paulo e eu. Nós fizemos uma reunião e criamos o CEDES (Centro de Estudos de Educação e Sociedade) que publica até hoje aquela revista. Eu recebo sempre, todo mês, quer dizer, toda vez que sai, porque eu sou sócio-fundador. Me lembro até da fotografia. Me lembro que nós fizemos a reunião e o Paulo ainda falou para o Mauricio: “Ô Mauricio, você agora faz a ata” ((risos)) Me lembro do Mauricio Tragtenberg na máquina de escrever... uma ata de uma página, só criando o CEDES. Depois a gente foi ali para a porta e alguém tirou a fotografia. O Mauricio, o Gadotti com um bonezinho, o Paulo e eu. Dois já foram, dois estão aí. Paulo e o Mauricio Tragtenberg. Aliás, uma grande figura, um grande homem... esses vários acontecimentos com a vida com o Paulo.

Me lembro que quando ele voltou ao Brasil, a primeira viagem que ele fez foi comigo. Ele acabou de chegar no Brasil, pouco depois tinha um Congresso Brasileiro de Supervisores Educacionais. Eu nem sei se tem isso ainda, naquele tempo tinha uma área, uma especialização. Era um grande congresso e convidaram o Paulo para uma fala de abertura e eu ia falar no dia seguinte. Nós fomos de avião. Eu me lembro que num avião da Vasp, São Paulo-Goiânia. O Paulo ainda passou mal no meio da viagem. Me deu um susto danado. Falou: “Ó, não chama ninguém não, mas eu to me sentindo meio mal.” Tanto que ele chegou lá não quis saber de nada, foi até para



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

casa – nem foi para o hotel – da Ana Lucia, amiga nossa lá. No dia seguinte, à noite, fez uma fala, bela -- tem até uma fotografia dele com os braços abertos. Saiu no jornal "Popular". Foi a primeira fala dele na volta do exílio. Depois essa na Argentina, que ele começou falando do tango. Gastou uns dez minutos falando do tango ((risos)), dá saudade dele do tango. O Paulo era muito sentimental nessas coisas, muito ligado nisso tudo.

Quando a gente voltou da Nicarágua, uma viagem comprida. Nicarágua-Panamá, Panamá-São Paulo, quase um dia esperando avião e tudo. Eu me lembro que chegamos no aeroporto e a Madalena foi buscá-lo... foi buscá-lo e eu até aproveitei a carona... lá em Garulhos. Ele abraça a Madalena e a primeira pergunta: "Escuta filha, como é que está a novela das oito?" ((risos)) Era uma dessas novelas de Nordeste, "O bem amado", uma coisa assim ((risos))

ENTREVISTADORAS: E o Paulo Freire recebe em 2012 o título de patrono da educação brasileira, conforme projeto da Deputada Luiza Erundina (PT / SP). O que representa "Paulo Freire: patrono da educação brasileira"? Sobre tudo nesse momento que a gente está vivendo uma mudança de rumos.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Eu confesso a você que para ser fiel ao espírito do Paulo Freire eu iria pluralizar isso aí. Não devia ter um patrono, devia ter uma equipe de patronos da educação brasileira... Anísio Teixeira... inclusive com mulheres, não é? Helena Antipoff...

Olha, o Paulo não ligava muito para esse negócio de título não. Foi Doutor em Honoris causa. Tenho impressão que ele tinha uma preguiça enorme de ir nessas cerimônias. Nunca me lembro dele, né? Inclusive ele tinha uma vocação muito popular mesmo, né? Paulo pouco antes de morrer estava lá no Rio Grande do Sul, lá em assentamento de reforma agrária. Ele mesmo dizia que tinha uma preguiça enorme de ir em reunião de MEC, dessas coisas, ao contrário de outros intelectuais que estão sempre procurando as cúpulas, o Paulo era muito mais acessível às bases. Isso eu digo como um depoimento: onde ele se sentia bem, em casa. Inclusive, se você vê os escritos dele, são escritos a educadores, alfabetizadores, da África. Raramente ele está dialogando com ministro, com autoridade.

E eu acho esse um lance importante. Eu acho que é provável que se isso aí tem substância, esteja partindo de alguma coisa maior do que isso. Talvez todo um projeto que não é só de Brasil. Vamos ser realistas... é de América Latina e talvez do mundo, não é? De dar uma guinada. Não é uma questão política, mas em direção à privatização, em direção aos lobbies de interesse sobre saúde, sobre educação, porque isso está acontecendo em todas as áreas. É um desmanche do que é público, do que são conquistas públicas e sutilmente, como eu dizia para você, o que denunciava entre nós lá em Rosário, na Argentina, um professor chileno, não é... sutilmente uma entrega do que é público ao privado, ao mundo, aos lobbies privatistas, não é?

Eu sempre gosto de lembrar que por volta de 1997, a OMC (Organização Mundial do Comércio), uma espécie de ONU do mundo capitalista, numa assembleia geral,



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

decretou que saúde, previdência e educação são mercadorias. Está lá para quem queira. Mercadorias como outras quaisquer. Então, eu não duvido que tudo isso seja, desde a mídia até o Conselho Federal de Educação, seja todo um processo que a gente vê na agricultura, na pecuária, na saúde, na indústria, em todas as áreas. Eu repito que não é uma questão política de direita e esquerda; é uma questão de interesse privatista que é todo um jogo internacional. As grandes corporações, as multinacionais, que de repente descobrem que a educação é um filão muito gratificante. É um produto, como eles gostam de dizer, é um produto. Os alunos são clientes, os professores são funcionários, a educação é um produto e a escola e a universidade viram empresas. Na cabeça dessas pessoas é interessante. Isso é a coisa mais normal do mundo.

O educador como sujeito da práxis necessita realizar a leitura de mundo para compreender os projetos de educação em disputa...

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Eu costumo dizer que o grande problema de nós educadores é que a gente só lê livro sobre educação. Seria muito instrutivo a gente parar um pouquinho e ler livros sobre marketing, porque é ali que você vê como é que a direita está se apropriando de tudo, da religião à sexualidade, da sexualidade à educação. Eu até costumo, agora mesmo na Argentina eu cheguei a dizer: Quem já viu um livro de educação capitalista? Assim, uma proposta de educação capitalista? Eu nunca vi. Aliás, é raríssimo um livro de educação da direita. Você tem autores mais conservadores, que inclusive que nos criticam e tal, mas uma “confissão de fé” eles não precisam escrever. Eu costumo dizer que o livro de educação capitalista é o de marketing: como você é um bom produto, como você se vende, como você vence nesse mundo onde tudo é mercado. E eu tenho a impressão que tudo isso está entrando num bojo só.

Outro dia até me mandaram – não vou lembrar quem, até formou-se uma rede de repente – um email com um anexo que era um livro (...) desconstruindo Paulo Freire. E eu me lembro que quem me mandou, mas que ficou espantado, “precisamos nos unir, fazer alguma coisa” e eu disse: Não gente, não vamos fazer nada. É um direito que as pessoas tem. Inclusive eu mandei até pra Anita Freire. Tudo bem que de repente, haja uma postura, mas eu acho que de repente, você fazer uma nota pública contra esse livro é uma atitude nazista, uma atitude fascista. É o que o pessoal da direita acha que deve fazer, não é? Se não está de acordo comigo eu vou contra. Deixa sair, deixa sair. Paulo Freire mesmo diria “Ótimo! Vamos contrastar ideia com ideia, proposta com proposta. Eu acho que é por aí.

Me lembro que uma vez, não sei quando, saiu mais um livro meu sobre educação popular, não me lembro nem o que foi. Eu comentei com a Vanilda em um desses encontros e ela falou “Pô Brandão, mais um?! Ninguém aguenta!” ((risos)).

Fernanda Paula, de Porto Alegre, está fazendo uma tese de doutorado que acho que vai ser, pelo menos, em termo de reconstrução histórica a mais completa. Ela está



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

procurando até o que não existe. É impressionante essa moça... e ela escreveu para a Vanilda, ela escreveu para todo mundo. Osmar Fávero, eu... ela quer escarafunchar o que é isso, o que é aquilo e tal. E a Vanilda mandou uma carta para ela justamente dizendo que ela nunca foi freiriana, nunca foi uma freiriana de carteirinha.

ANDREA FERNANDES: Quem fez um trabalho de procurar por todo mundo também, inclusive de visitar os lugares foi Nima, né? Tese belíssima de doutorado a de Nima e a dissertação de mestrado também sobre Elza é muito bonita.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Saiu livro agora.

ANDREA FERNANDES: Saiu livro sim, eu tenho livro lá. Ela me presenteou com o livro dela e presenteou o nosso programa de pós-graduação também. Uma contribuição muito bonita e está saindo nesta edição a resenha do livro da Nima.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: E a Elza... nossa! Mas que mulher, viu? Eu convivi com ela poucas vezes. Essa vez na casa da Madalena, umas duas vezes lá no apartamento. Aliás, um apartamento pequeno que o Paulo morava, forreca ali na Homem de Melo, perto da PUC. E lá vem a Elza com o cafezinho. Até me lembrei de uma amiga minha lá em Goiás que disse "Olha, eu quando casar posso até lavar prato e fazer comida, mas servir café na bandeja para visita é o maior símbolo da subserviência feminina" ((risos))

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: E a Elza lá, sempre presente. ((risos)).

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Eu fiz um livrinho agora sobre Paulo Freire, aliás eu fiz com má vontade...

ENTREVISTADORAS: Mas, por que com má vontade?

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Porque é mais um, mas a editora "Ideias e letras" tem uma coleçãozinha muito simplinha de livros de cem páginas e me pediram. Eu chamei "Paulo Freire uma vida a ensinar e aprender"⁹ que é uma biografia, simplinha, parecida com aquilo que eu escrevi para as crianças no MST.

ANDREA FERNANDES: Que é lindíssimo! Lindíssimo! Eu tenho aquele exemplar. E sabe onde eu ganhei? Certa vez, no começo dos anos 2000, fiz um trabalho de campo com meus alunos do curso de Pedagogia da UERJ a um assentamento do MST em Barra Mansa, município do estado do Rio de Janeiro. Foi uma experiência maravilhosa. E lá me presentearam com esse livro seu.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Mas você tem o original? Por que o original é do MST.

ANDREA FERNANDES: Eu podia ter trazido.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Chama "Cadernos fazendo história".

⁹ No prelo.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

ANDREA FERNANDES: Esse mesmo. Fazendo História nº 7 – História do menino que lia o mundo.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: É esse aí.

Esse capítulo que vai ser desse livro do Gadotti, do Carlos Torres... eu justamente procuro colocar a educação popular em três momentos da realização dela. A educação popular é uma coisa muito incrível, né? Não acabou e não vai acabar. O construtivismo já apareceu, já desapareceu, ninguém mais fala nele, e outras várias coisa. A educação popular está com cinquenta e poucos anos, viva, ativa. Eu estive agora na Colômbia, na Argentina, no Uruguai, até mais do que aqui, mais do que aqui. Pesquisa participante, educação popular, encontros, trabalhos... e nesse artigo que eu escrevo lá, eu lembro que a educação popular, quando ela começa a surgir nos anos sessenta, primeiro, não tinha esse nome. Ninguém falava educação popular. Inclusive o Oscar Jara me escreveu para tese de doutorado dele, que ele acabou de defender lá em Costa Rica. E aí ele pergunta "quando é que a educação popular aparece pela primeira vez?" Interessante né? Quando é que aparece esse nome? E eu pensei que fosse a coisa mais óbvia, né? Aí comecei a procurar, inclusive de curioso, comecei a procurar nos livros de Paulo Freire... não tem, não tem em nenhum a expressão educação popular, educação libertadora, liberadora, conscientizadora, problematizadora, pedagogia disso e daquilo, mas não tem educação popular; não tem. Aí eu comecei a enfiar todo mundo nessa rede. Escrevi para o Osmar, escrevi para a Norma Michi, lá na Argentina, para a Maria Teresa Sirvent, um monte de gente, tanto aqui do Brasil quanto de fora. Acho que até a Nima, não sei se ela entrou. Se bem que eu peguei um pessoal mais velho e ninguém achava ((risos)) Tinha – foi o Osmar que lembrou – tinha de mil novecentos e sessenta, o mais antigo, o CEPLAR, Centro de Educação Popular da Paraíba. O primeiro que usa essa expressão, mas em livro ninguém. Aí o próprio Oscar Jara me escreveu agora – eu me encontrei com ele na Colômbia – e ele me falou isso e depois me escreveu dizendo "Brandão, você mesmo não sabe, mas a primeira vez que a educação popular aparece oficialmente é num livro teu." ((risos)) Eu disse: "Porra, Oscar! Não é possível! Porque esse meu livro é de 74." Você vê, 74! Dez anos depois do golpe, quatorze anos depois das primeiras ideias do Paulo. Pois é, na minha pesquisa é o livro que eu fiz, saiu na Argentina com nome de Julio Barreiro, que é um teólogo. Não podia por o meu nome. Era perigoso, era um livro muito radical. Teve várias edições. O golpe na Argentina... ele começou a ser publicado no México e depois na Espanha. Aí dez anos depois ele saiu aqui no Brasil pela editora Vozes, e eu saí tradutor do meu próprio livro.

Até outro dia eu estava... – porque saiu um livrinho meu agora na Argentina, Educação popular... não me lembro o subtítulo, mas é por décadas. Tem 60, 70, 80, 90 e 2000. E saíram os dois primeiros textos desse livro, só que da edição original, que eu ia escrevendo e foi parte de um projeto que nós tínhamos de semear as ideias de Paulo Freire pela América Espanhola, no tempo da ditadura, que nós saímos clandestinamente. Eu recebia uns falsos convites para dar curso de psicologia pastoral e ia para o Peru, Costa Rica, Argentina, Equador. Aliás, a primeira pessoa



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

que difundiu o método Paulo Freire, não foi ele, fui eu. Em 1966, antes do "Pedagogia do Oprimido". Eu estudava no CREFAL. E numa semana de alfabetização, 8 de setembro, me pediram para fazer uma palestra. Nós éramos 66 alunos da América Espanhola toda e do Brasil. Aí o professor de alfabetização me pediu para escrever... para fazer uma palestra e eu me lembrei de fazer sobre o método Paulo Freire. Eu nem tinha levado nada, naquele tempo nem tinha internet, nem coisa nenhuma, eu lembrei de cabeça e expliquei lá tudo é... aquele primeiro trabalho dos alfabetizando na comunidade, procurando as palavras. Depois o desdobramento das palavras, as fichas de descoberta... Nossa! O professor ficou empolgado, nunca tinha ouvido falar em Paulo Freire. Aliás, ninguém lá. Aí saiu publicado. O CREFAL publicou mimeografado: "El método Paulo Freire para la alfabetización de adultos", 66. Ainda não tinha nem o "Pedagogia do Oprimido"... é de 1967.

ENTREVISTADORAS: É... antes do "Pedagogia do Oprimido".

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Primeiras histórias... É, primeiras histórias.

ENTREVISTADORAS: E como... Paulo Freire transita pelo mundo, né? E como hoje nós ainda estamos buscando aprofundar Paulo Freire aqui nas práticas, inclusive.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Os desdobramentos...

ENTREVISTADORAS: Sim, os desdobramentos, os legados...

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: De um lado e de outro... Eu me lembro que até o Osmar foi. Em plena ditadura, acho que 68, 69 a gente recebe uma carta do MEC, alguns educadores. O MEC querendo ter uma reunião com educadores brasileiros. Discutimos lá se valia a pena ir ou não. Fomos. E eu me lembro que no avião – no tempo em que no avião dava jornal para todo mundo – eu me lembro que no avião eu peguei o jornal e tinha "O Globo" ou o "Folha de São Paulo", eu não lembro qual. E tinha uma notícia sobre empresas nos Estados Unidos usando o método Paulo Freire para alfabetizar latino americanos em inglês. Fomos para a reunião. Uma reunião esquisitíssima, nunca mais esqueci. Uma mulher – eu não lembro nem o nome dela, o pessoal chamava de "Coronela" – abriu a reunião dizendo que tinha interesse em dialogar conosco, embora soubesse que muitos de nós não éramos afinados com as propostas do atual governo, o governo militar. E começamos lá o diálogo... muito esquisito, porque todo mundo escondeu o jogo ((risos)). Uma conversa de mais esconder do que falar. Aí em um momento eu falei: "Pois é, porque de acordo com as ideias do professor Paulo Freire..." A mulher me deu um tapa na mesa... aquele susto que todo mundo levou... "Professor, eu vou lhe pedir para não pronunciar esse nome aqui no Ministério da Educação." Ah, mas eu tirei o meu recortezinho de jornal e falei: "Mas a senhora veja como o mundo é estranho, né? Professor Paulo Freire é proibido aqui no MEC e está aqui uma notícia dos Estados Unidos, Nova York, os americanos usando o método dele para alfabetizar." ((risos)) Como eram aqueles termos, né? Nossa mãe!

ENTREVISTADORAS: As contradições, né? As incoerências...



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Você esconder livros de Paulo Freire... eu me lembro o MEB, o MEB foi muito perseguido. O MEB Goiás, Maria Alice, minha mulher, coordenadora, saiu queimando no fundo de quintal, um mundo de material... fitas gravadas, apostilas, depoimentos, cartas... por esse Brasil afora.

ENTREVISTADORAS: Muito material perdido. Muito material de qualidade.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Por medo de que pudesse ser apanhado pela polícia, que era muito frequente. Muito frequente. Inclusive aconteceu no nordeste de pessoas presas. Ué, o MEB é um caso interessante. Que eu saiba foi a única vez em que uma cartilha foi para a cadeia. Justamente em fevereiro ou janeiro de 64. Antes do golpe, o MEB produziu uma cartilha chamada "Viver é lutar". Eu tenho ela em casa.

ENTREVISTADORAS: E também está disponível no material da série de educação popular, os DVDs e o e-book que o Osmar produziu.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: De conjunto tinha uma fundamentação filosófica. O MEB, francamente! Olha, nunca mais eu vi um movimento feito o MEB. Uma cartilha tinha uma fundamentação sociológica, filosófica, teológica e pedagógica pra cada lição. Eu me lembro da primeira lição que era "O povo vive, o povo luta, o povo vive e luta". O Osmar tem tudo isso. Foi presa pela polícia de Carlos Lacerda. Levaram para a delegacia. Janeiro ou fevereiro de 64, para você vê.

ENTREVISTADORAS: Já um início do que se anunciava para meses depois.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Já, já... já era uma premissa, já era uma premissa... dizem até que teria sido um pequeno balão de ensaio, mas eu acredito que não. Aí o MEB fez uma outra cartilha, toda em cordel, chamada "Mutirão". Muito interessante! Ilustrada por um jovem que estava chegando da cidadezinha dele – esqueci o nome agora – em Minas Gerais, Ziraldo... Ziraldo, um jovem desenhista.

ENTREVISTADORAS: São muitas memórias, não é professor? E como é importante!

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: É... você vê que nessa entrevista entremeada com avião e sabiá ((risos))... eu sou freguês desse avião ((risos)) ele vai ali, agora ele passa pelo "Pão de Açúcar" e aí você vê Leme, Copacabana... todos eles. Os que vão para o Sul. Os que vão para o norte sobem e viram.

ENTREVISTADORAS: Nós estamos praticamente ao lado do Aeroporto Santos Dumont...

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: Síntese do pensamento Paulo Freire...

Esse livrinho – eu não sei qual se foi esse da "Ideias e letras" – eu até brinquei vamos ver se eu lembro e eu dizia: se o pensamento de Paulo fosse resumido em algumas breves frases geradoras, que não precisam ter mais de quatro palavras cada uma. Vamos lá, deixa eu ver se eu lembro... inclusive com ideias que são do Paulo entre aspas: "dizer sua palavra", ele gostava muito dessa frase... "dizer sua



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31897

palavra”, que “o povo aprenda a dizer a sua palavra,” “dizer a sua palavra”, “aprender o seu saber”, “criar sua vida”, não... “viver sua vida”, “criar o seu destino”, “partilhar o que sabe”, “transformar sua mente” e “transformar o seu mundo”. Ah, e “escrever a sua história.” Para começar com uma frase do Paulo e terminar com outra. Ele usava muito essa expressão – “escrever a sua história.” Tá aí, uma síntese ((risos))

O que ficou de Paulo Freire foram muitos vídeos com palestras dele, em momentos solenes dele, recebendo homenagens. E tem alguma coisa de entrevistas. Paulo continua a vida dele de professor e escreve. Nossa! Como ele escreve mensagens!

ENTREVISTADORAS: Mais uma vez, Professor Carlos, muito obrigada pela sua disponibilidade de estar aqui conosco entre árvores e sabiás, conversando sobre a vida de Paulo Freire que não está nos livros. Que está nas memórias de pessoas como você, que conviveram com ele e foram, também, escrevendo essas histórias de vida. Essa conversa – muito além de uma entrevista – se constitui como uma grande contribuição para que possamos conhecer Paulo Freire além dos livros, além dos vídeos e documentos. São as suas memórias, Professor Carlos, do seu amigo Paulo. Rememorações que nos fazem continuar sendo militantes da esperança como práxis da resistência que tem na Educação Popular uma das expressões a favor da dignidade humana, de um país que possa romper com um passado que teima em nos impedir de viver e realizar a promessa da cidadania plena. E sigamos conversando...